

## GÓES DOS ANJOS, Krishnamurti. O Touro do Rebanho. Lisboa: Chiado Editora, 2013. 316p.

**Eunice de MORAIS\***  
UEPG

\* Doutora em Estudos Literários (UFPR). Professora do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Publicado na coleção “Viagens na ficção”, pela Chiado Editora (2013), o romance de Krishnamurti Góes dos Anjos (316 p. acrescido de anexos documentais e notas editoriais), para além da viagem ficcional, realiza de fato uma revisitação do passado. Quero dizer com isto que a relação do leitor com o texto não é a de quem viaja no tempo histórico, observando-o à distância como turista ou aprendiz; mas a de quem se coloca diante dele, como o arqueólogo a descobrir aproximações e distanciamentos em relação ao mundo contemporâneo.

A viagem proposta pela voz narrativa distanciada do tempo narrado na ficção histórica romântica é, neste romance contemporâneo, substituída por uma revisitação memorialista e documental guiada por um narrador personagem consciente e reflexivo a respeito do momento histórico narrado e do processo de composição da narrativa. A alta densidade histórica do romance advém do ponto de vista deste Touro do rebanho que, na solidão de um acerto de contas individual na velhice, retoma, pela memória íntima e por documentos, sua participação na idealização do movimento revolucionário contra abusos administrativos da coroa portuguesa, que resultará no enforcamento e esquartejamento de quatro homens do povo, na Bahia, 1798. Movimento este que entrou para os registros históricos como “A sedição dos alfaiates”, mas sobre o qual não se tem notícia de outra voz que se alevante para reclamar sua importância, a não ser esta que o romance de Góes do Anjos nos revela.

“Memória da sedição dos Alfaiates de 1798 na Bahia, onde se deduzem as elementares razões para a pena de enforcamento e esquartejamento de quatro pobres homens do povo, proferida por uma corte devassa e corrupta”. Para além da imitação neo-clássica, que localiza temporal e ideologicamente a voz narrativa do romance, o subtítulo longo e explicativo sobre o conteúdo da narrativa aponta para uma visão sobre a injustiça cometida por uma “corte devassa e corrupta”, portanto, é o ponto de vista dos vencidos na história que ocupa este Touro que, altamente consciente dos desafios da escrita, desabafa ao leitor e lança ao livro esta voz intimista a revelar que é uma questão de sobrevivência saber a medida da propagação de suas ideias. Do mesmo modo, articulam-se na composição da obra as verdades que irão “desvendar nefastos acontecimentos”. É inegável e transparente no romance o domínio do processo da composição narrativa. A memória pessoal do narrador, seus

desastres amorosos, sua solidão de senhor de engenho a reclamar dos altos impostos pagos à coroa portuguesa, vêm amarrada aos eventos e às artimanhas da aristocracia, na luta para manter sua posição, seus valores. Apesar de o lugar de fala do narrador memorialista posicionar-se no andar superior da sociedade, mais próximo dos privilégios comprados à coroa, observamos que a sangria imposta aos produtores e ao povo da colônia atingia a todos.

Este é o ponto por meio do qual, em síntese, a narrativa *O Touro do rebanho* une a sociedade brasileira colonial e a configura como reativa, embora frágil pela ausência de uma força, de uma voz representativa capaz de levar a cabo o ideal revolucionário pró-independência do Brasil.

Hábil arquivista, arquiteto de memórias, o Touro do rebanho, codinome daquele que subscreve a narrativa em 1823, ressentia-se pelos enforcados de 1798 e mantém-se à sombra dos heróis assassinados por proclamarem seus ideais.

À moda dos romances históricos românticos, Góes dos Anjos afirma, em nota publicada à orelha do livro, que “pelas vias da ficção é que nossa história busca se reconstruir”, no entanto, quando a voz narrativa autobiográfica e histórica dialoga com o leitor acerca do estilo e das implicações do ato de escrever, revela-se metaficcional. Neste sentido, observamos que o romance *O touro do rebanho* associa autoconsciência crítica à preocupação do narrador-autor-personagem em entrelaçar o assunto à forma. Autodesignando-se “fundador de uma nova província de escrever”, dá ao sonho que teve a respeito dos eventos históricos que se preparava para narrar, a forma de uma “ópera de teatro”. O sonho que em geral se constitui por uma sequência caótica de ideias, figuras e episódios, ganha organização lógica de cenas, disposição de personagens ilustres, gralhas e até mesmo a leitura de uma carta. A discussão submersa ao narrado aponta para o processo de construção ficcional e os infundáveis modos de elaboração e trânsito de gêneros textuais na produção romanesca. Um excelente exercício para o memorialista que interrompe a escrita de lembranças pessoais, para introduzir a visão do passado articulada pela preocupação com os modos de narrar este passado histórico coletivo e particular.

Sem dúvida o leitor se coloca diante de uma narrativa documental e histórica embalada pela inventividade estética no plano ficcional, que transcreve textos históricos públicos alarmantes sobre a conduta vil da administração portuguesa em relação ao Brasil, entrelaçada a uma visão do sujeito participante do momento histórico a respeito de sua própria atuação. A objetividade documental é a todo instante reavaliada e utilizada como libelo acusatório contra os desmandos da corte portuguesa e justificativa para os atos dos revoltosos. Ao mesmo tempo, a subjetividade da memória do narrador personagem o compõe em conflito interior, a “remendar farrapos dispersos no passado”, inicia puxando do novelo um fio de muita classe e distinção. Um verdadeiro *Affaire d’amour*”.

Concordamos com este “Touro” que sobrevive para compor a narrativa sobre o rebanho morto que “vê-se, ao longo dela um infeliz que ordena documentos na busca de verdades fragmentadas e propositalmente ocultas”. Ao lado desta constatação a que somos conduzidos pelo narrador, encontramos o propósito maior da obra: “a revelação de toda essa ignomínia, desta chaga, não poderia deixar de ser exposta para que continue doendo na consciência dos homens que foram capazes e ainda o são de perpetrá-la. É um gênero de história que, mesmo não servindo para os que viveram aqueles dias, porque o conhecem, instruirá os vindouros dos costumes e tempos passados.” A história instrui, nos diz o Touro. Mas o romance, que revela a história de um homem entrelaçada à história do seu povo questionando-se e, justificando sua própria conduta diante do acontecimento histórico vivido, pode estar sugerindo a literatura como instrumento de transformação social. Por outro lado, sugere também – e talvez principalmente – sua importância como reflexão humanista, de questionamento sobre a participação individual no plano coletivo, sobre as decisões que o indivíduo precisa tomar no presente, considerando toda a complexidade histórica (individual e coletiva) que o define, as quais trarão como consequência a complexidade histórica do futuro.

Ao fecharmos o romance, nos perguntamos se os Tiradentes e Alfaiates, soldados e mulatos, movidos pela coragem sem poder ou astúcia, pelo calor da rebeldia idealista, manobrados para que os senhores de engenho libertassem-se das imposições abusivas da coroa, não se somam a estes nossos heróis contemporâneos que morrem à míngua, com o conhecimento e a ideologia esquartejada pelas misérias contemporâneas. Estarão ainda os Touros acovardados?

Recebido em setembro/2016

Aceito em novembro/2016